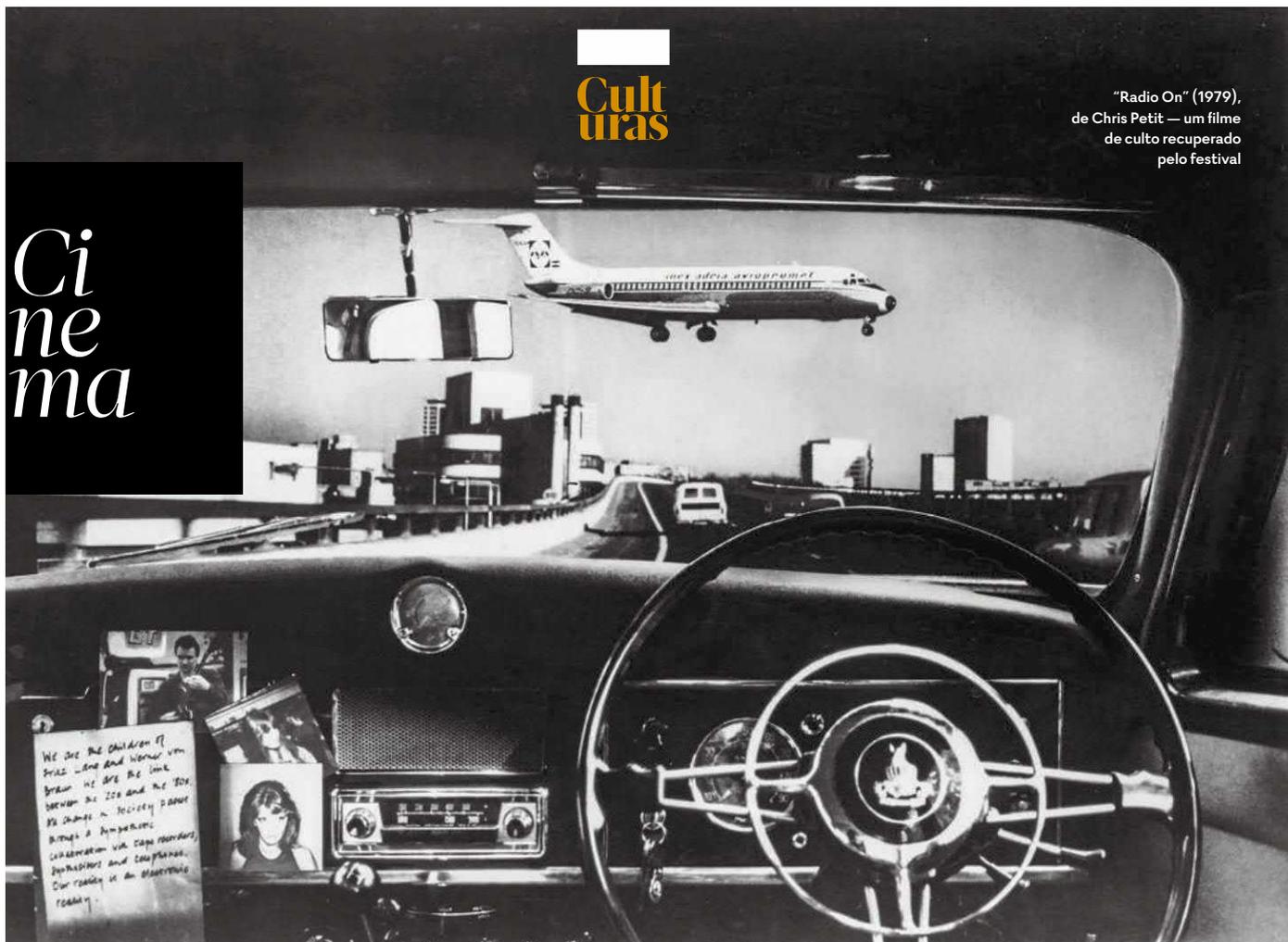




Culturas

"Radio On" (1979),
de Chris Petit — um filme
de culto recuperado
pelo festival

Cinema



O 5º Porto/Post/Doc junta à sua competição dois focos sobre Chris Petit e Matías Piñeiro e uma retrospectiva da obra de António Reis e Margarida Cordeiro

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

5º PORTO/POST/DOC

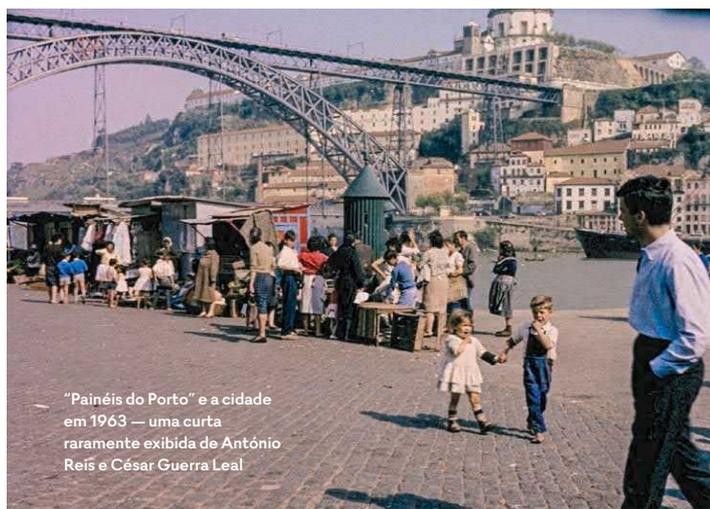
Rivoli, Passos Manuel, Trindade, Faculdade de Belas-Artes, Porto, de 24 de novembro a 2 de dezembro, exposição de 22 a 30 www.portopostdoc.com

Porto telúrico, Porto punk

O Porto/Post/Doc, ou não se chamasse este festival assim, tem os olhos no futuro, mas uma vez mais não se priva de trazer o passado aos espectadores de hoje. A partir do próximo fim de semana vai, aliás, mostrar aos portuenses imagens da cidade no início dos anos 60 que há muito não são exibidas — e que, por certas contingências, nunca o foram para a esmagadora maioria da audiência. Temos de começar por algum sítio para apresentar o que aí vem, e começamos por "Painéis do Porto" (1963), uma das duas curtas que António Reis realizou (esta com César Guerra Leal) anteriores a "Jaime" — o filme que, como se sabe, dá início a uma das mais extraordinárias obras do cinema contemporâneo (ver texto ao lado). Encomenda da Câmara Municipal da cidade, "Painéis do Porto" é mais do que mera curiosidade. Chegou a estrear-se em sala, no Cinema Estúdio, em Abril de 1974, e desde então só teve, salvo erro, uma

exibição pública, na Cinemateca (em 2013), que entretanto o digitalizou (tal como sucedeu com "Jaime", "Trás-os-Montes" e "Ana"; "Rosa de Areia" está ainda a ser alvo de igual tratamento). Percebe-se que esta obra de 15 minutos (que agora vimos pela primeira vez, cortesia do ANIM), essencialmente uma crónica do quotidiano da cidade,

tenha passado décadas sem constar (acredita-se que por vontade do próprio autor) na filmografia de António Reis e Margarida Cordeiro. É um filme muito mais próximo dos quadros, ritmos e movimentos orgânicos do Porto — tal como, à sua maneira, já os fixara "O Pintor e a Cidade" (o primeiro filme a cores de Manoel de Oliveira, de 1956)



"Painéis do Porto" e a cidade em 1963 — uma curta raramente exibida de António Reis e César Guerra Leal



— do que da obra poética torrencial de Reis/Cordeiro que estava para vir. Em *voice over*, sobre impressões arquitetónicas e outros aspetos da cidade que nada têm de postal turístico, ouve-se poemas do próprio Reis, Egito Gonçalves, Rosália de Castro, Pedro Homem de Melo e Fernando Pessoa. Talvez “Painéis do Porto” tivesse ficado para sempre adormecido na história do cinema português se não tivesse sido feito por quem foi. Mas é prova que baste para se saber que Reis já era um grande cineasta. Paralelamente a esta ‘dádiva’ que integra a retrospectiva, o Porto/Post/Doc organizou a exposição coletiva em torno de Reis/Cordeiro “Como o Sol/Como a Noite” (abre esta quinta-feira, no museu da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto), da autoria dos artistas André Cepeda, Catarina Real, Daniel Blaufuks, Joana Patrão, João Salaviza e Renée Nader Messor, João Queiroz, Manuel de Freitas, Mariana Caló e Francisco Queimadela, Marta Mateus e Maria Capelo, Otelo M. F. e Rui Chafes.

UM CULTO ESQUECIDO: CHRIS PETIT

Em boa hora se lembrou o festival de homenagear o britânico Christopher Petit, que o mundo da cinefilia tratou sempre por Chris. Durante muito tempo, sobretudo para a geração que tinha 20 anos quando Wim Wenders fez “Alice nas Cidades” e “Ao Correr do Tempo”, Petit, ex-crítico de cinema, foi o homem de um só filme, “Radio On” (1979), obra de culto de um pós-punk londrino que então se revia muito mais nos *road movies* do novo cinema germânico do que na Nouvelle Vague. Muito influenciado pelo melhor Wenders, fotografado num extraordinário preto e branco por Martin Schäfer (o último trabalho dele seria o primeiro de Pedro Costa, “O Sangue”) e mergulhado em Bowie, Kraftwerk, Robert Fripp, Ian Dury e Devo, “Radio On” guarda ainda o seu charme policial *underground*,

aquela *allure* de ressaca política que foi espelho do seu tempo — na história do DJ Robert (David Beames), que viaja de carro de Londres a Bristol após o suicídio do irmão, estava todo o desencanto do punk. “Radio On” perdeu-se então no éter, os festivais que lidam com a palavra ‘doc’ não lhe têm passado pevide, e é pena, porque Petit deu continuidade a uma obra que merece ser descoberta: “Moving Pictures: J. G. Ballard” (1991) é um curto e incisivo filme-retrato do escritor inglês que ao cinema deu tantos ‘pós-apocalipses’; “Negative Space” (2000), que vai buscar o seu nome à obra-compilação de Manny Farber, é um itinerário pela América e pela pluma afiada de um dos escritores que mais influenciou a crítica de cinema anglo-saxónica.

Petit estará no Porto para apresentar um ciclo de nove obras, assim como o argentino Matías Piñeiro, a quem o festival dedica outro foco. É pena que não tenham sido incluídas as suas primeiras longas, “El Hombre Robado” e “Todos Mienten”, provas do talento de Piñeiro, que trabalha habitualmente com a mesma trupe de atores, quase sempre em Buenos Aires (“Hermia & Helena”, filmado entre a Argentina e Nova Iorque, foge à regra), em histórias do quotidiano que são retratos geracionais e, em simultâneo, hipóteses de uma relação do cinema com a literatura e o teatro, sobretudo o de Shakespeare. Os seus filmes não são adaptações, mas sim *flirts* shakespearianos em que as personagens invariavelmente se envolvem (o ensaio de uma peça, a tradução de uma obra, etc.) e que nos falam do mito amoroso, do desejo, da angústia e da solidão da juventude argentina. Na competição, há 14 filmes e algumas estreias mundiais, entre elas “Hamada”, do espanhol Eloy Domínguez Serén, e “Hálito Azul”, o novo filme de Rodrigo Areias. O outro português a concurso é “Sobre Tudo Sobre Nada”, de Dídio Pestana, estreado em agosto em Locarno. ●



“Hamada”, de Eloy Domínguez Serén, em estreia mundial, na competição